



Voz do Migrante

SONHOS QUE FICARAM NA TRAVESSIA

João Silva e família*

O presente relato traz uma narrativa compartilhada de uma família brasileira que luta por um determinado projeto de vida. Os depoimentos aqui presentes mostram, porém, o quanto esse projeto se fez às custas de muito sofrimento e constantes reformulações, o que não retirou desta família as esperanças e o olhar para o futuro.

The present article brings a narrative of a Brazilian family and their struggle for a project of life. Although the testimonies in here indicate the suffering and constant reformulations of their project of life, that have not taken away their hope and expectations on the future.

Talvez nossa história se pareça com milhões de histórias de imigrantes que cruzaram ou tentaram cruzar a fronteira do México com os Estados Unidos.

Somos do município de Serra, no Espírito Santo. Minha esposa Maria Aparecida e meus tres filhos: Jhully, Jenny e John vivíamos com dificuldades econômicas, mas tranquilos quanto a nossa vida familiar. Eu,

* Os entrevistados emigraram para Springfield, MA, USA.

porém, nunca me conformei com o pouco. Sempre desejei buscar mais, elevar meus ideais e querer o melhor para os filhos. Minha esposa, um pouco mais tímida, mas não conformista. Foi quando em dezembro do ano 2000 tentei buscar uma solução, migrando aos Estados Unidos. Quando cheguei no aeroporto da Cidade do México, fui imediatamente deportado e confesso que senti muita humilhação.

Porém, tentei novamente, em março de 2001. Foi ali onde comecei o meu calvário. Antes de cruzar, passamos duas semanas em *El Paso*, jogados em dois pequenos cômodos que mal podíamos deitar. Éramos 32 pessoas. Um só banheiro imundo e convivíamos com ratos e outros animais. Até que uma noite, aproximadamente às duas da madrugada, fomos despertados ao som dos gritos dos coiotes e eles escolheram, a dedo, seis pessoas para cruzar. Eu fui contemplado. Em um pequeno carro, todos amontoados, chegamos até o Rio Bravo. Conseguimos cruzar, entrando no Estado de Texas. Aí tivemos que caminhar no mato por longo tempo. Caminhar é maneira de dizer, porque a gente ia se arrastando no chão como cobras e lagartos. Logo fomos surpreendidos pela polícia americana. Quem correu mais, conseguiu escapar. O coiote foi preso e alguns conseguiram escapar porém, sem rumo e sem nenhuma orientação, acabamos nos entregando à polícia, por volta das 11 horas da manhã. Ali ficamos por dois dias, dormindo num cimento frio, com ar condicionado muito forte. Quase congelamos de frio. O alimento era muito fraco; apenas uns sanduíches diários.

No terceiro dia, fomos transferidos para uma prisão de segurança máxima. Lá permanecemos por um período de 3 dias, quando fomos transferidos para outra cidade distante duas horas de voo, que até hoje não sei que cidade era aquela. No avião estávamos algemados de braços e pernas e com cintos. Nesta nova prisão, havia milhares de presos e imigrantes de muitas nacionalidades. Talvez fosse uma Estação Migratória. Lá dentro, a gente podia trabalhar, se quisesse, ganhando \$ 1.00 por dia.

Eu preferi não trabalhar nestes 22 dias que ali permaneci. Consegui sair disto com a ajuda de Deus e dos advogados que minhas irmãs, que já viviam nos Estados Unidos, conseguiram contratar para mim. Paguei \$ 2.500 dólares e consegui livrar-me da prisão, porém com a obrigação de apresentar-me em Corte. Nunca me apresentei por medo de ser deportado novamente ao país de origem.

Assim que saí, fui para perto de minhas irmãs em *Springfield, MA*. Logo comecei a trabalhar para pagar minhas dívidas. Mas antes disso, troquei minha identidade, meu nome e minha data de nascimento. Já não me chamava João e sim Jerônimo. Eu me sentia um "*João ninguém*"! Mais

um personagem perambulando por este mundo da migração!

Comecei a trabalhar limpando chão. Confesso que a vida era muito dura. A solidão, frequentemente, batia à minha porta. Foi quando, 1 ano e 8 meses depois, consegui trazer a esposa para junto de mim. Trabalhávamos juntos, saíamos juntos para as compras e participávamos da comunidade católica na área de *Indian Orchard*, MA, pois Maria Aparecida tinha bastante experiência de trabalho em comunidade e gostava de animar os cantos.

Andávamos “às mil maravilhas”. Somente os meninos no Brasil, sozinhos e sem muita orientação, no auge de sua adolescência, começaram a nos trazer algumas dificuldades. Buscamos a forma de contornar a situação pagando alguém para a administração da casa e orientação dos mesmos. Jhully, a mais velha, com 18 anos resolveu casar. Inesperadamente, Maria Aparecida resolveu voltar ao Brasil para a realização do casamento. Assim aconteceu e, mais tarde, pensamos na possibilidade de ela retornar aos Estados Unidos, trazendo os outros dois filhos, Jenny e John, respectivamente, 15 e 13 anos de idade. A expectativa era tanta, que nem sentia o cansaço do trabalho. Contava os dias e as horas para que isto acontecesse.

Contratamos os coiotes, acertamos o preço, enfim tudo estava certinho. Mas o destino, sei lá, a pouca sorte, mudou nossos planos. A minha felicidade se desfez. Agora a minha filha Jenny, que viveu a situação, vai contar o que aconteceu:

No dia 9 de julho de 2005, saímos de Serra - ES, minha mãe Maria Aparecida e meu irmão John, rumo a São Paulo. No aeroporto em São Paulo tomamos a empresa TACA, fazendo algumas escalas, chegamos à Cidade do México. Ficamos hospedados no hotel por duas noites. De carro, juntamente com outros brasileiros, percorremos um trajeto de, aproximadamente, 15 horas e assim chegamos em *Laredo*. Aí passamos uma noite. No dia seguinte, tomamos um ônibus da cidade e os coiotes pagaram para que o motorista nos levasse até a entrada onde começaria o difícil percurso da nossa travessia.

Ao descer do ônibus, saímos correndo pois essa era a orientação. O percurso até o Rio Bravo foi de mais ou menos 4 horas. Já não tínhamos mais água nem alimentos. Minha mãe, não resistindo à caminhada, desmaiou uns 10 minutos antes de chegar à beira do rio. Dava, de vez em quando, algumas respiradas prolongadas e nunca mais falou. Ela foi carregada até perto do Rio. Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance mas, nada. E agora, o que vamos fazer? Comunicamos o ocorrido ao meu pai. Depois de 12 horas de espera nesta situação, os demais migrantes cruzaram, inclusive meu irmão e eu permaneci com mamãe nestas condições, juntamente com mais um brasileiro que, no dia seguinte, voltou

para a Cidade do México.

Foram as piores horas da minha vida. Mamãe nunca reagiu, mas penso que ela tinha consciência, porque eu falava com ela e a abraçava, colocava a minha mão junto à dela e ela conseguia apertar minha mão. Depois de tantas horas nesta situação, eu resolvi entrar no rio para banhar-me e fui andando e percebendo que não havia dificuldades. Acabei cruzando para o outro lado. Avistei um teto de uma casa. Subi uma pequena elevação e percebi que havia umas casas. Eram famílias mexicanas. Aproximei-me e falei da situação. Eles me deram água, comida e me ofereceram para tomar um banho. Esta família chamou a polícia. Eu acompanhei os policiais até perto do rio, mas eu não pude cruzar novamente para o lado do México. Eu fui recolhida na Estação Migratória, no lado estadunidense, onde permaneci por uns 15 dias. Minha mãe, a esta altura estava nas mãos de Deus e da boa vontade da polícia dos Estados Unidos que iria se comunicar com a polícia mexicana. O que se passou com minha mãe, não sabemos. Sabemos que 3 dias depois, dia 15 de julho, mamãe havia falecido. Acabou sendo enterrada como indigente, em *Laredo*, México.

Meu pai se comunicou com um irmão dele no Brasil e meu tio, com a ajuda do Consulado Brasileiro do México, veio recolher o corpo de minha mãe, trasladando-o para a cidade onde morávamos, no Brasil.

Foi enviado a Texas um brasileiro que já tinha sua documentação legal para buscar-me e assim, hoje, nos encontramos os três juntos.

Papai sempre nos diz: “Por um lado estou contente de estar junto com vocês. Mas na realidade a minha vida acabou. Perdi a razão de viver. O dinheiro não vale mais nada. Todos os sonhos se desfizeram. Acabou nossa vida de 20 anos de casados”.

Eu sei que as perdas foram muito maiores do que as conquistas, mas eu penso que a gente não pode desanimar. Meu irmão e eu estamos na escola, já dominamos bastante o inglês. Nós queremos apoiar nosso pai para que ele se reanime e, quem sabe, um dia poderá refazer sua vida.